

O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O CASO DA SEXUALIDADE PARA ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

THE TEACHING OF SCIENCES IN INCLUSIVE EDUCATION: THE CASE OF SEXUALITY FOR ADOLESCENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITY

Tatiana Marcondes

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp
tatiana.tmarcondes@gmail.com

José Alves da Silva

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp
josealves.unifesp@gmail.com

Resumo

Pretendemos contribuir para uma melhor compreensão do ensino de sexualidade para adolescentes com deficiência intelectual na área de ensino de ciências. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico, em que foram consultados os principais bancos de dados de teses, dissertações e periódicos da área. Para maior aprofundamento, realizamos também uma pesquisa qualitativa em educação, cujo principal instrumento de coleta de dados foi a realização de entrevistas semiestruturadas com pais e educadores envolvidos na questão. A categorização dessas entrevistas contou com a análise do discurso proposto por Moraes (2003). Deste processo, resultaram algumas reflexões, tais como o fato de que há uma enorme ausência de pesquisas sobre o tema na área de ensino de ciências, além de o assunto ainda permanecer como um tabu para os envolvidos, em que pese não ser diferente para os alunos sem deficiência.

Palavras-chave: adolescência, sexualidade, educação inclusiva, ensino de ciências.

Abstract

We intend to contribute to a better understanding of the teaching sexuality for adolescents with intellectual disability, on the area of sciences. Therefore, a bibliographic survey was performed on the topics covered, in which were consulted the mains databases of theses, dissertations and newspapers. For further study, we also conduct qualitative research in education, whose main instrument of data collection was the performance of semi-structured interviews with parents and teachers involved with the issue. The categorization of these interviews counted on the participation on the analysis discourse proposed by Moraes (2003). This process, there have been some

reflections on themes, for example, the fact that there is a huge lack of research on the topics covered the area of science education, besides of the subject still be a taboo for those involved, although it is not very different to the students without disabilities.

Key words: adolescence, sexuality, inclusive education, science teaching.

Introdução

De acordo com Calligaris (2000), Amaral (2006) e Silva (2008), os adolescentes formam um verdadeiro mosaico de tipos e identidades diferentes e de maneira geral também a definem como uma etapa da vida que começa por volta dos 11 anos de idade, momento que surgem determinadas mudanças físicas e o despertar da sexualidade voltada ao outro, mas que não tem exatamente uma idade precisa para acabar (costuma ser finalizada quando o sujeito adquire autonomia emocional e profissional). Em comum a todos os adolescentes, há uma crise de identidade, não necessariamente negativa, mas na qual o sujeito precisa construir seu projeto de vida afetivo e profissional, além de outras características, tais como: necessidade de referências, comportamento em grupos, maximização de sentimentos, negação das figuras tradicionais (como pais), dentre outros elementos. Neste estudo, adotamos a adolescência como uma construção histórica e cultural, relativamente recente no desenvolvimento da humanidade, não restrita as mudanças físicas no corpo dos sujeitos (PEREIRA, 2005).

Ocorre que as questões de adolescência costumam ser pouco discutidas na escola (AMARAL, 2006) e, por extensão, na área de ensino de ciências (SILVA, 2011; SILVA e PIOTTO, 2013), de modo que permanecem os desafios para empreender uma boa educação aos adolescentes (OLIVEIRA, 2015). No caso específico do ensino de sexualidade para adolescentes, por sua vez, tem-se uma visão enormemente “biologizante”, na qual se costumam desconsiderar fatores culturais, psicológicos e históricos (SILVA e PIOTTO, 2013, p.2) e talvez por isso ou por conta disso, a tarefa de ensiná-la seja atribuída a professores de ciências ou de biologia, isso quando não é permeada por julgamentos de ordem moral/pessoal, pouco adequadas ao que grande parte da sociedade vem discutindo atualmente, tais como a diversidade de orientações sexuais e a flexibilidade da questão de gênero (ABROMAVAY et al, 2004).

E, se por si só, a discussão de adolescência no contexto escolar já é uma questão difícil, a situação costuma ser pouco clara quando se trata do ensino de sexualidade para adolescentes com algum tipo de deficiência, especialmente as intelectuais. Assim é que, a despeito da modalidade de educação inclusiva ter ganhado força a partir da década de 1990, especificamente, em 1994 com a declaração de Salamanca, da qual o Brasil é membro signatário, a educação inclusiva¹ segue como um enorme desafio aos sistemas de ensino (SEKKEL e CASCO, 2008; VOLTOLINI, 2008).

¹ Aqui, adotamos a concepção de educação inclusiva presente nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p. 20):

Entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientado por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de

Assim, dentro dessa discussão o ensino de sexualidade segue como mais um desses desafios. Maia (2001) afirma que a sexualidade é algo inerente a qualquer ser humano tendo ele alguma deficiência ou não. Porém, conforme aponta Maia e Aranha (2005), quando a sexualidade é abordada, especificamente para alunos com deficiência, há certo senso comum que parece apresentá-los como hiperssexuais ou assexuais quando, na verdade, há uma privação de orientação em relação a esta questão. Portanto, segundo essas autoras, os deficientes podem ter manifestações sexuais consideradas inadequadas por falta de aprendizado, ao mesmo tempo em que o direito ao exercício da sexualidade geralmente lhes é negado. Assim, é necessário que a questão seja discutida também pelo sistema educacional, de modo a buscar a promoção de uma sexualidade autônoma, prazerosa e ética, respeitando e integrando as diferenças de cada um. Ressaltando que, mesmo em não deficientes, falar de questões ligadas à sexualidade gera certo incômodo aos professores, porém aos adolescentes com deficiência isso costuma ser maior ainda (PRIOSTE, 2010).

Sendo assim, este trabalho tem como principal objetivo contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas na educação inclusiva de adolescentes com deficiência intelectual quando a temática é a sexualidade, de modo que possamos contribuir para a “quebra” de alguns tabus que rodeiam esse universo, além de fomentar a discussão do tema na área de ensino de ciências.

Metodologia

Para realização do trabalho, inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico que resultou em um pequeno estado da arte (FERREIRA, 2002) para o ensino de sexualidade na educação inclusiva. Consultamos: banco de dados, como as bibliotecas digitais na UNESP (Universidade Estadual Paulista), USP (Universidade de São Paulo) e Unicamp (Universidade Estadual de Campinas); anais de encontros e congressos como o ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências) e o ENEBIO (Encontro Nacional de Ensino de Biologia); revistas e periódicos como a *Ciência & Educação*, *Revista Brasileira de Educação Especial* e *Revista Inclusão*; documentos com legislação sobre o tema, dentre elas a Declaração de Salamanca (1994) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001).

Como percebemos que não havia quase nenhum trabalho relacionando as três temáticas, passamos a fazer uma pesquisa qualitativa em educação, com foco no cotidiano escolar, que “tem o ambiente natural sua fonte de coleta de dados e pesquisador como o seu principal instrumento” (ANDRÉ E LÜDKE, 1986, p. 11). Assim, segundo André (2003) a pesquisa qualitativa privilegia uma maior inserção no cotidiano, buscando conhecimento a partir da análise das práticas dos diferentes atores envolvidos na situação estudada. Escolhemos conhecer parte das práticas desses atores a partir da elaboração de entrevistas semiestruturadas, as quais, de acordo com Triviños (1987), permitem o espaço para a atuação do entrevistador (é possível fazer novas perguntas diante do contexto de cada entrevista (MANZINI, 2004)) e favorecem a espontaneidade do entrevistado, enriquecendo, dessa forma, a investigação. Para a categorização dos

desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida. (Grifos nossos).

Assim, concordamos com Amaral L. (1998) quando esta afirma que a diversidade que compõe os seres humanos é o que deve ser considerado como “normal”.

dados das entrevistas, seguimos a proposição de Moraes (2003) para a análise do discurso. O perfil dos entrevistados e o que relataram são descritos no tópico a seguir.

Resultados

O nosso levantamento bibliográfico não encontrou trabalhos da área de ensino de ciências que discutam sexualidade voltada à educação inclusiva, mesmo para as deficiências intelectuais, embora tenhamos encontrado trabalhos que discutam o ensino de sexualidade com certa amplitude de enfoques (prevenção de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis é o que mais aparece, mas já aparecem questões de gênero e de diversidade sexual). O trabalho de Gomes e Lima (2014) publicado no V ENEBIO é um exemplo de uma dessas situações. Nele, os autores relataram uma prática educativa sobre o sistema reprodutor masculino e feminino utilizando um jogo. Já em outro trabalho, no X ENPEC, Silva A. e Siqueira (2015) discutem como o livro paradidático pode ajudar nos debates sobre sexualidade e gênero. Também há poucos trabalhos que discutem adolescência nos moldes dos referenciais que usamos, mas podemos citar o de Silva (2011) e o de Silva e Piotto (2013).

Para o aprofundamento da nossa pesquisa, realizamos entrevistas com profissionais e pais que lidam com a questão diariamente. Para tanto, foram realizadas sete entrevistas, as quais, cinco foram gravadas em áudio, com duração média de vinte minutos e duas foram feitas por escrito e enviadas por e-mail. Todas as gravações em áudio foram transcritas. A seguir, seguem dois quadros com o perfil dos pais e dos educadores, respectivamente:

Nome	Idade	Descrição
Maria	54 anos	Dona de casa e mãe de um adolescente com deficiência (síndrome de Down) de 17 anos.
Sofia	43 anos	Técnica em nutrição e mãe de um adolescente com deficiência (síndrome de Down) de 18 anos.

Quadro 1: perfil resumo dos pais dos estudantes com deficiência intelectual

Nome	Idade	Descrição
Márcia	49 anos	Coordenadora pedagógica do ensino fundamental II em uma escola pública da Grande São Paulo.
Rita	48 anos	Professora coordenadora no núcleo pedagógico (PCNP) de educação especial em uma diretoria de ensino da Grande São Paulo.
João	50 anos	Professor da área de educação especial.
Edna	39 anos	Professora de ciências em uma escola pública e de biologia na rede particular, ambas na Grande São Paulo.
Joana	Idade não mencionada	Professora de ciências em uma escola pública da Grande São Paulo.

Quadro2: perfil resumo dos educadores que lidam com o assunto

Ressalta-se ainda que os nomes apresentados são fictícios. A escolha dos entrevistados ocorreu por indicação de diretorias de ensino ou de colegas dos autores deste artigo. As entrevistas foram realizadas em escolas de três cidades da Grande São Paulo: Suzano, Diadema e Ribeirão Pires.

Como exemplo de questões presentes no roteiro, destacamos: existe ou existiu um projeto para a educação inclusiva? Qual você julga ser o papel da escola na questão relacionada com a sexualidade? Em sua opinião, quais são as questões pertinentes quando se fala sobre sexualidade? Quais são seus maiores desafios em relação à sexualidade dos estudantes com deficiência intelectual? Como você acredita que podemos tratar desse tema? Explique. Você acha que seu filho tem sexualidade? Por quê? Em sua opinião o que é adolescência?

A seguir, apresentaremos algumas análises desses resultados.

Análise dos resultados

Para procedermos à análise das entrevistas, seguimos Moraes (2003) e desconstruímos os textos transcritos, separando-os pelas palavras que mais se repetiam dentre aquelas proferidas pelos entrevistados, de modo a construirmos novas leituras dos discursos. Após este processo, mapeamos os principais enfoques que apareciam juntamente com essas palavras, os quais são descritos a seguir:

As concepções de adolescência

Apesar de claramente mostrarem-se empenhados na educação inclusiva para adolescentes, os entrevistados, sejam pais ou educadores, apresentaram concepções de adolescência bastante diferentes das que utilizamos como referenciais teóricos. De modo geral, prevaleceram visões de senso comum, com estereótipos relativos a uma hiperssexualização, irresponsabilidades, dentre outros elementos. Exemplos: Rita: ‘Na minha opinião (sic) adolescência é uma fase de transição’ (reducionista); Edna: ‘Eles são muito sugestionados [...] eles são influenciáveis’ (ideia estigmatizada).

A crise de identidade, conceito muito importante na caracterização da adolescência, não foi discutida pelos entrevistados. Não há, em suas falas, discussão sobre projetos de vida, por exemplo, de modo que a adolescência é quase restrita ao discurso “biologizante” (SILVA e PIITTO, 2013, p.2): ‘Num jogo de hormônios, de se são adultos ou se são crianças (sic)’, como afirma a professora Joana. Assim, podemos observar o quão é importante que o currículo da escola abarque questões que são necessárias ao imaginário do adolescente, como propõe Silva (2011), ou que haja diálogo e atenção dos pais sobre o assunto para com os filhos.

Adolescência para a educação inclusiva

Na maioria das vezes, em pais ou educadores, foi identificada uma dificuldade em lidar com a sexualidade dos adolescentes de uma forma geral e não exclusivamente com aqueles com deficiência. Não apareceu, por exemplo, uma suposta atribuição de hiperssexualidade ou de assexualidade voltada exclusivamente aos estudantes com deficiência. As falas de Maria e de João exemplificam tal análise. Quando Maria diz: ‘Não tenho nem ideia porque...não sei como vou agir’, percebe-se uma dificuldade em agir para abordar a questão da sexualidade, assim como a fala de João (‘O maior desafio

é tratar do tema com naturalidade’). Aliás, o próprio entrevistado João afirma categoricamente que a sexualidade para alunos com deficiência ‘é igual’ a que teria para ensinar todos eles. Mas percebemos algumas visões contraditórias, como no caso de Sofia, mãe de um dos alunos com síndrome de Down, quando esta diz que seu filho não entende o que é sexualidade, argumentando que o mesmo fica ‘envergonhado’ com algumas situações. Entretanto, o próprio envergonhar-se já é sinal de que o aluno em questão compreende, a seu modo, parte dos elementos presentes na concepção social de sexualidade. Encontramos, também, uma palavra de senso comum na fala de Márcia: (‘O que eu percebo é que o aluno está ficando adulto mais cedo’), a qual parece confundir a entrada na vida adulta com a existência de vida sexual ativa. Esta frase não vai de encontro à literatura atual sobre adolescência, a qual é quase unânime ao afirmar que ela tem sido prolongada, de modo que os indivíduos tornam-se adultos mais tardiamente do que em épocas anteriores (GUTIERRA, 2003; CALLIGARIS, 2000).

Adolescência na educação inclusiva e o contexto da escola

Há um consenso de que a parceria entre escola e família é fundamental para o êxito no ensino de sexualidade para esses alunos. Entretanto, aparecem alguns pré-julgamentos como de professores sobre pais e vice-versa (o professor João cita: ‘Os pais não têm preparo nem para falar de um filho sem deficiência’). Além disso, uma das entrevistadas educadoras sugere passividade da escola diante do tema, restando-lhes apenas a tarefa de ouvir: ‘o papel da escola é... o (de) ouvinte mesmo’, aponta Márcia. Constatamos que os nossos entrevistados tendem a culpabilizar terceiros diante da complexidade do tema, sejam eles a mídia, os pais, outros professores, governos etc. Como é o caso de uma das falas da professora Edna: ‘A televisão do jeito que passa as informações...’. Há nesse sentido, novamente, visões com caráter moralista como podemos perceber na fala da mesma professora: ‘A sexualidade é totalmente aflorada ultimamente’. A mãe entrevistada, por sua vez, parece ter uma expectativa maior da escola sobre o tema, como aponta Maria: ‘Toda informação é sempre bem-vinda [...]. Eu acho que seria interessante, acho que ia ser bom pra ele. Ia me ajudar bastante’.

O ensino de sexualidade e o papel da área de ensino de ciências

Com relação ao ensino de sexualidade, percebemos que sua abordagem, assim como afirma Abromavay et al (2004), fica restrita ao professor de ciências ou algum profissional da área da saúde, pois os projetos que são propostos seguem esta linha, como apontado pela coordenadora Márcia: ‘Eu acredito que as parcerias são fundamentais nesse momento, postos de saúde, agentes de saúde, pessoas que têm esse conhecimento [...]’. Assim, apareceu também na nossa pesquisa uma forte biologização da sexualidade, desconsiderando seus aspectos culturais, psicológicos, históricos, sem discussão de afetividade. As professoras Joana e Rita, respectivamente, corroboram com os autores ao usarem alguns termos como: ‘[...] o esclarecimento de como é o ato [...]’ (associação de sexualidade exclusivamente com o ato sexual); e ‘O acompanhamento no aflorar da sexualidade é uma orientação clínica’ (restrição da sexualidade como um caso clínico).

Constatamos em muitas opiniões um forte apelo moralista, como a afirmação da professora Edna: ‘Hoje o que acontece é que existe uma promiscuidade muito grande’; ou um tanto reducionista, como o da coordenadora Márcia que afirma: “Sexualidade é o momento que você se descobre e descobre o seu corpo” (redução da sexualidade como um momento apenas). Os pais entrevistados, por sua vez, não aparentaram conter esse enfoque em suas respostas.

A dedicação à educação inclusiva: as escolhas e as conjunturas

Foram narrados alguns relatos positivos de processos de ensino-aprendizagem voltados a esses alunos, como é caso do professor João: ‘Realizo projetos diferenciados: café terapêutico, baladas especiais [...]’. Também percebemos um profundo interesse para parcerias, de modo a desenvolver novas atividades na escola, como aponta a professora Rita: ‘Infelizmente na área da sexualidade ainda não temos nenhum trabalho, porém acredito que se tivermos uma universidade federal ou estadual trabalhando em prol do Estado de São Paulo e oferecendo parcerias, podemos ter este trabalho daqui para frente’. Em determinados momentos, Márcia e João ainda alinharam-se aos nossos referenciais sobre sexualidade, como Maia (2001), ao afirmarem que a sexualidade é algo natural para qualquer ser humano: ‘[...] de forma natural’, ‘[...] com naturalidade’. Aqui destacamos o empenho desses profissionais ao fazerem uma escolha em trabalhar com esses alunos a despeito de conjunturas tão desfavoráveis e a dedicação desses pais buscando garantir o melhor a seus filhos ainda que diante de um tema tão complexo do ponto de vista social.

Algumas considerações finais

A educação inclusiva é amparada por diversas leis, mas ainda enfrenta grandes desafios a serem superados, como a infraestrutura deficiente e inadequada das escolas e a formação incipiente de professores sobre o tema. O caso parece agravar-se no que tange a uma educação inclusiva envolvendo o tema adolescência e, em particular, o ensino de sexualidade, principalmente para os estudantes com deficiência intelectual, posto que há uma enorme ausência de discussão sobre o assunto na educação brasileira. Nas falas dos entrevistados, a despeito do enorme empenho bastante visível no trabalho de inclusão, apareceram determinadas visões estereotipadas e/ou moralistas sobre o tema, com forte viés exclusivamente biológico, sem qualquer vínculo com a questão cultural e afetiva. Entretanto, no caso dos entrevistados, esses elementos estavam presentes em quaisquer discussões sobre o tema, não havendo direcionamento explícito para alunos com deficiência. Assim, a partir do pequeno estado da arte que construímos percebemos que o quadro descrito na literatura repete-se na área de ensino de ciências no que tange as visões de senso comum, porém isso acontece para todos os adolescentes, independente de ter ou não alguma deficiência. Constatamos também a necessidade de haver uma boa parceria entre a escola e a família, para além das expectativas aparentemente frustradas de uma em relação a outra diante do problema.

Dessa forma, acreditamos que a área de ensino de ciências deve ampliar a discussão sobre o ensino de sexualidade, associando-a a fatores sociais, culturais, psicológicos e históricos, indo além das questões biológicas, para todos os adolescentes, independentemente de sua condição cognitiva/intelectual.

Referências

ABROMAVAY et al. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília; UNESCO Brasil, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>>. - Acesso em 22 abr. 2016.

AMARAL, L_____. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p.11-30, 1998.

Disponível em: <
<https://books.google.com.br/books?id=ROZSkhfHSMkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 20 set. 2015.

AMARAL, M.. Encontros com professores de uma escola estadual do Ensino Médio – uma escuta em que a dimensão objetiva se vê alinhavada pela subjetividade dos autores. In: AMARAL, M. (Org.). **Educação, psicanálise e direito: combinações possíveis para se pensar a adolescência na atualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 75-96.

ANDRÉ, M. O cotidiano escolar, um campo de estudo. In: ANDRÉ, M. et al. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 9-19.

ANDRÉ, M. e LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**, 2001, 83 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2016.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 36p.

FERREIRA, N.S. de A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, Aug. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2016.

GOMES, M. V. da C. e LIMA, K. D. A. Jogando com o sistema reprodutor masculino e feminino. In: **Encontro Nacional de Ensino de Biologia (V ENEBio)**, 2014, São Paulo, Anais, São Paulo, 2014, 16p. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0773-1.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

GUTIERRA, B. C. C. **Adolescência, Psicanálise e Educação: o mestre possível dos adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003. 150p.

OLIVEIRA, E. N. **Adolescência e física: experiências dos bolsistas do Pibid em uma escola pública do município de Diadema**. Trabalho de conclusão de curso. Unifesp: Diadema, 2015. 75p.

MAIA, A.C.;.B.. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 7, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista7numero1pdf/3bortolozzi_maia.pdf>. Acesso em 25 nov. 2015.

MAIA, A. C. B e ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. **Interação em psicologia**, v. 9, n. 1, 2005.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS (II SIPEQ), 2004, Bauru. **Anais**. São Paulo, 2004. 10p.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PEREIRA, A.C. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 2005, 153p.

PRIOSTE, C. D. Educação inclusiva e sexualidade na escola: relato de caso. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 14-25, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 maio 2016.

SEKKEL, M. e CASCO, R. Ambientes inclusivos para a educação infantil: considerações sobre o exercício docente. In: FRELLER, C. C.; FERRARI, M. A. L. D. e SEKKEL, C. M. (Orgs.). **Educação Inclusiva: Percursos na Educação Infantil**. Casa do Psicólogo, p. 19-37, 2008.

SILVA, J. A. da. **Compromisso e paixão: o universal e o singular na boa escola pública**. 2008. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: < http://http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br&filtro=Silva,%20Jose%20Alves%20da >. Acesso em 21 mar. 2015.

_____. A inclusão do tema adolescência no Ensino Médio: contribuições e limitações das ciências em uma proposta interdisciplinar de uma escola pública. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ensino de Ciências (VIII ENPEC)**, 2011, Campinas. Anais. Campinas. ABRAPEC, 2011, 8p. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiiienpec/resumos/R0766-1.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

SILVA, José. Alves da; e PIOTTO, Vitor da Rocha A ausência do sistema hormonal no ensino de ciências e suas possíveis implicações para o agravamento da falta de diálogo com os adolescentes da educação básica. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ensino de Ciências (IX ENPEC)**, 2013, Águas de Lindóia. Atas. São Paulo, 2013, 8pp. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R1130-1.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2015.

SILVA, A. e SIQUEIRA, V. H. F. Sexualidade e gênero na pauta escolar: mediações com a literatura paradidática. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ensino de Ciências (X ENPEC)**, 2015, Águas de Lindóia. Atas. São Paulo, 2015, 8p. Disponível em: <<http://www.xenpec.com.br/anais2015/resumos/R1552-1.PDF>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

TRIVIÑOS, A.N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 176p.

VOLTOLINI, Ricardo. Igualdade e diferenças. In: FRELLER, C. C.; FERRARI, M. A. L. D. e SEKKEL, C. M.(Orgs.). **Educação Inclusiva: Percursos na Educação Infantil**. Casa do Psicólogo, p. 59-75, 2008.